

## Arte e psicanálise: tratamentos do real

Marcia de Assis <sup>1</sup>

*“Uma parte de mim  
é só vertigem  
outra parte,  
linguagem*

*Traduzir uma parte  
na outra parte  
- que é uma questão  
de vida ou morte -  
será arte?” (Ferreira Gullar) <sup>2</sup>*

Ao trazer como epígrafe um fragmento do poema *Traduzir-se*, aponto a arte literária, mais especificamente a poesia, seja ela posta em versos, seja em prosa, uma vez que a poesia não está confinada nos versos do poema. Entre a psicanálise e a poesia, um corre-dor. Nele faço caber um limite e a borda. Limite, o que separa. Borda evocando o litoral para falar da interseção: quando o mar se debruça na areia. Naquela faixa de areia molhada encontra-se a interseção. Entre as duas casas, a linguagem transita no *corre-dor*; morada do equívoco significante. A insistência em grafar deste modo, corre-dor, serve para salientar que haverá tradução nos dois campos, na psicanálise e na poesia, cada uma com os seus recursos. Em ambas, o afeto que escorre metonimicamente poderá ser traduzido em significante. Afeto é um significante que desliza, um significante na dimensão de gozo<sup>3</sup>, que funciona como um afeto. Quer dizer que o falante foi afetado por um significante fora de sentido, cujo sentido está conservado no real. Na clínica psicanalítica o que vem deter o deslizamento incessante é a regra fundamental, a associação livre sob atenção flutuante, permitindo que passe à dimensão metafórica.

Para a poesia, outra regra foi estabelecida. Manoel de Barros declarou: “em poesia, que é voz de poeta, que é voz de fazer nascimentos, o verbo tem que pegar delírio”<sup>4</sup>. “Estou cheia de acácias balançando amarelas” - anunciou Clarice Lispector no livro *Água Viva*, uma prosa poética.<sup>5</sup>

A dimensão metafórica é de interesse da psicanálise. A poesia é produtora de metáforas se o verbo pegar delírio. Cada uma em sua casa, e um corre-dor entre elas, trata o real impossível de dizer. A poesia vai gotejar rimas, a experiência analítica, uma tradução singular, um fígamento de pedaços de real, o real de *lalangue*. Através da tagarelice sob atenção flutuante o dispositivo analítico toca o real, o real do inconsciente, pois isso fala e, ao falar, goza. Coalescência do significante e do gozo,

tese da qual a experiência psicanalítica vai se ocupar. Há um saber insabido, saber na dimensão do gozo, saber inconsciente, que se tem acesso por meio da psicanálise.

O real, por definição, é o que está fora do simbólico, apenas nos aproximamos dele. Quer dizer, o real ao qual se acede é sempre relativo aos modos de aproximação pela via da linguagem.<sup>6</sup> Há um real fora do simbólico, porém, com a operação de linguagem sobre o vivente, podemos considerar um real próprio ao simbólico que se apresenta como impossível de dizer. Ao falar entra em jogo o impossível de dizer. Escrevemos *S de A barrado S(A)* para representar o infável, ou seja, falta um significante no Outro.

As vias traçadas pela linguagem permitem modos de aproximação do real, eis aí o que estou chamando de modos de tradução, na psicanálise e na arte literária, a poesia. Cada uma com os seus recursos, modos de aproximação do real indizível. Faço um recorte do texto *O aturdito*, no intuito de ressaltar que o poeta e o psicanalista têm seus modos próprios de realizar as aproximações do real pela via linguageira:

*“Afirmo que todos os lances são permitidos aí, em razão de que, estando qualquer um ao alcance deles, sem poder reconhecer-se nisso, são eles que jogam conosco. Exceto quando os poetas o calculam e o psicanalista se serve deles onde convém.”*<sup>7</sup>

O que está sendo abordado nesse trecho de *O aturdito* são os jogos homofônicos, o duplo sentido, o equívoco significante, as ferramentas a serem usadas pelo poeta e pelo psicanalista em seus manejos distintos. O psicanalista serve-se deles onde convém, quer dizer, o psicanalista em função faz operar o dispositivo analítico, sendo um poeta, possibilitando ao analisante escrever-se poema.

Da operação de linguagem sobre o vivente, resulta o falante e o impossível de dizer. Dito de outro modo, entre o falante e o mundo, há o muro da linguagem. Além do muro, o real que é assinalado justamente pelo impossível de alcançá-lo.<sup>8</sup> À frente da parede acontecem coisas, os discursos que estabelecem os laços sociais, o engate social<sup>9</sup> resultante da perda produzida com a entrada na linguagem, do real da perda, condição primária e fundadora de todos os laços de qualquer sociedade.<sup>10</sup>

A linguagem introduz o impossível, não há relação sexual. Por não haver, há que se inventar. O amor é um dos nomes dessa invenção. Entre o homem e o mundo, há o muro da linguagem, daí o amor ser *(a)muro*, *l'amur*, neologismo proposto por Lacan para dizer dessa invenção que enlaça os falantes. A arte poética, outro nome para essa invenção, que escolhe *(a)rima* e os versos. E a psicanálise?

Deixo a questão, pois um prelúdio se propõe a provocar questionamentos e desejos, um convite à participação.

NOTAS:

- [1] Marcia de Assis, psicanalista em Niterói, membro da EPFCL-Rede Diagonal Brasil
- [2] GULLAR, F. Traduzir-se. In. *Na vertigem do dia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- [3] GERBASE, J. *O homem tem um corpo*. Salvador: Associação Científica Campo Psicanalítico, 2020, p. 52.
- [4] BARROS, M. *O livro das Ignorâncias*. Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 15.
- [5] LISPECTOR, C. *Água Viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p. 18.
- [6] SOLER, Colette (2015-2016) *Adventos do real: da angústia ao sintoma*. São Paulo: Aller Editora, 2018, p. 222.
- [7] LACAN, Jacques (1972). O aturdito. In. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 493.
- [8] LACAN, Jacques (1971-1972) *O seminário, livro 19: ... ou pior*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012, pp. 73-75.
- [9] *Ibid.*, p. 221.
- [10] SOLER, Colette (2011-2012). *O que faz laço?* São Paulo: Escuta, 2016, pp. 17-18.